

direção do tratamento

a- pelle:^{1 2 3} um estudo clínico sobre um caso de FPS⁴

Tatiana Carvalho Assadi

Em resposta a Vauthier, Lacan, na *Conferência em Genebra sobre o sintoma* (1975), fará uma consideração essencial sobre o doente psicossomático que permite inúmeros desdobramentos na clínica psicanalítica. Sua orientação é a de que acontece algo com estes sujeitos, que é da ordem do escrito, e na maioria dos casos os psicanalistas não sabem lê-lo. “*Tudo se passa como se algo estivesse escrito no corpo, alguma coisa que se oferece como um enigma...*”⁵

Marcas como escritos na pelle

Glicia⁶ tem vitiligo na cintura, parte interna dos lábios e pontas dos dedos. Diante de seus treze anos não se questiona sobre esta lesão de pele, não há sequer uma palavra sobre a afecção, ao contrário, negligencia os cuidados necessários com o corpo manchado. Na oposição é este corpo, fonte de seu olhar, dado a ver, que incomoda a ponto de construir um sintoma anoréxico. Suas palavras recaem sobre o corpo esquelético marcado pela escassez e privação da alimentação. Nada come, todavia sempre come, mesmo que nada. São as palavras que a alimentam.

Mulata, nasceu branca de olhos verdes e depois de um mês de vida, após uma grave doença que a deixou roxa, sua tez, olhos e cabelos mudaram de cor e forma. Restou-lhe como um possível traço de identificação o **Vitiligo**⁷ que lhe deixa marcas como escritos na pele e revela na carne a presença do pai, branco de olhos claros.

— *Sou como meu pai, é ... como meu pai. Como, meu pai*⁸ — é uma das primeiras falas da adolescente nas entrevistas preliminares.

— *Como, meu pai?* — este foi um dos manejos interventivos diante de seu dito.

Para o espanto, sua resposta veio de pronto:

— *Sim, como meu pai. Como!*

Completo: — *E você diz não comer nada.*

— *Sim, como meu pai, sou como meu pai. Quando nasci me deram o nome de Glicia por ser muito branca e o apelido de Grilo por gritar muito. Meu pai também é um Grilo. Ele Grilo, eu Grila.*

¹ O título deste artigo faz referência: ao nome pelo qual a analisante se apresenta; ao órgão pele; ao objeto a e ao L – letra que foi suprimida do discurso da menina e retorna na cadeia com o tom de um giro discursivo, causação subjetiva. Estas serão questões construídas ao longo deste texto.

² Uma primeira versão: ASSADI, T. C. O FPS como escrito pelo corpo e a tática do analista. Trabalho apresentado nas Jornadas de Encerramento do Fórum do Campo Lacaniano-SP 2008, dezembro de 2008: São Paulo, Brasil. O trabalho integral será publicado: ASSADI, T. C. *a-pelle*. In RAMIREZ, H., ASSADI, T. C. & DUNKER, C. (org). *A pele como litoral: psicanálise e medicina*. São Paulo, Editora Anna Blumme, no prelo.

³ Este artigo faz parte de minha pesquisa de Pós-doutorado realizada na Universidade de São Paulo – Psicologia Clínica que está sendo subsidiada pela FAPESP-SP, e das pesquisas realizadas pela antiga Rede de Psicossomática do Fórum do Campo Lacaniano e atual Rede de Pesquisa em Sintoma e Corporeidade.

⁴ Optei em utilizar as siglas FPS em vez de escrever Fenômeno Psicossomático para manter ressonância com o tema da letra presente no artigo.

⁵ Lacan, J. *Conferência em Genebra sobre o sintoma* (1975/ 1998. p. 13-14).

⁶ Nome ficcional de uma analisante, participante do Projeto de Pesquisa: *Aspectos Psicológicos do paciente dermatológico* – USP-SP, FCL-SP e UMC-MC. Optei em manter uma relação direta com seu nome próprio para que homofonicamente a explicitação e discussão do caso pudessem ocorrer.

⁷ A opção em manter a grafia da palavra vtiligo em negrito, letra maiúscula e em itálico é, sobretudo, para alinhar a palavra ao caso clínico.

⁸ A ausência das aspas ao longo do texto é proposital. Minha opção foi a de manter a fala da analisante sem aspas para produzir maior fluidez na leitura.

⁹ Menção ao texto Freudiano *O Estranho* (1919), Unheimlich em alemão, lugar em que o sufixo un nega a familiaridade do heim. Ou seja, algo estranhamente familiar me provocou a escuta.

¹⁰ A impressão que tive neste primeiro tempo é que as estruturas de linguagem, sobretudo a metáfora e a metonímia, estavam postas de fora de sua cadeia associativa.

Como meu pai.

— *Qual é o grilo?* — insisto.

— *Ele **Grilo**, eu **Grila**.*

Imediatamente uma sensação de unheimlich⁹ me flagrou. A intervenção rebatia na escuta de ***Glicia*** e retornava como que esvaziada de sentido; era tomada ao *pé da letra*,¹⁰ somente o enunciado sobressaía. Outras tantas supostas intervenções adquiriram o mesmo estatuto, um emudecimento subjetivo ocupava o cenário destas entrevistas. Perguntava-me sobre o tom, a forma e mesmo o tempo do sujeito desaparecido que ali falava.

Em uma série de sessões preliminares à análise, em identificações com o pai e recusa identificatória com a mãe, ***Glicia*** introduz um nome em determinado ponto de seu enunciado: ***Elmo***. Naquele tempo, ao ouvir esta palavra, me perguntava o que seria ***Elmo***,¹¹ nada sabia sobre isso ou mesmo esse ser. Pedi uma associação, e ela categoricamente explicou que era...

— *Um moço que tinha cabelos coloridos, meio diferente e muito sentimental.*

Mais uma vez capturada pela rede imaginária, intervenho:

— *Cabelos coloridos como os seus?*

Ela nada escuta. Vale ressaltar que sua mãe é cabeleireira e a toma como cobaia nos tingimentos, penteados e cortes das madeixas. Logo, cada vez que a recebia para as entrevistas seus cabelos estavam com cor e forma diferentes.

Repete mais adiante em outra sessão preliminar:

— *Queria ser o **Elmo**.*

Não pude deixar de perguntar:

— ***Elmo?***

— Sim, ***Elmo***.

— ***Elmo?** Sim **Elmo*** — intervenho.

Glicia, pela primeira vez, esboça um sorriso maroto e completa:

— ***Elmo** é da vila Sésamo, do tempo do meu pai, não quero ser bicho. É **Emo**, os **Emo** (suprime a letra s) — ele é gay e sensível. Está sempre com o rosto roxo, diferente. Só usa preto, e branco é seu corpo.*

Necessariamente faço uma pequena digressão para remeter o leitor a um episódio fundamental surgido por meio do discurso da menina. Ela conta que sua mãe é mulata e o pai, branco, o que gerou preconceito racial por parte da família paterna. Certa data, quando a mãe estava grávida de ***Glicia***, uma tia, irmã do pai, fez um comentário sobre a criança que nasceria, provocando-lhe certo mal-estar. Ela acusou a esposa do irmão de sujar a família com a vinda do bebê, pois preto é cor de sujeira e branco, de paz.

Retomemos a série interpretativa no caso de *Glicia*:

— *Você disse **Elmo** quando queria dizer **Emo**, **Glicia*** — ênfato

a letra **L** que se repete em *Elmo, Glícia, Dalton* (nome do pai) e em *Grila, Vitiligo*.

Glícia conclui:

— *Emo sou eu!*

Interpretar na pelLe

Toda interpretação, segundo Freud, pode produzir modificação no teor do discurso associativo ou modificação no processo de causação do sujeito. Conforme pronunciamento de Ana Paula Gianesi,¹² a causação do sujeito pode ocorrer por duas vertentes: pelo *significante* ou pelo *objeto a*. Quando ocorre pelo *significante*, considerado causa material do sujeito, acontece o que se denomina determinação simbólica, o *significante* propõe-se endereçado ao *Automaton*, à repetição. Numa outra possibilidade, quando a causação subjetiva é decorrente de *tropeços*, do *objeto a*, ou seja, daquilo que não cessa de não se escrever — uma determinação Real —, o endereçamento é inevitavelmente à *Tique*, ao encontro. Assim, ora o sujeito pode ser causado pela repetição *significante*, ora pelo encontro com o *objeto a*.

Em *A Direção do tratamento e os princípios de seu poder*,¹³ Lacan discutirá o lugar do analista, sua quota de pagamento e seu grau de liberdade, construídos nesta direção. Ele o faz advertindo-nos que a liberdade conquistada será medida por suas ações tática, estratégica e política. Logo, o preço pago pelo analista pelo seu próprio ofício incide em suas palavras, pessoa e ser; em decorrência disso a sustentação da práxis surge em suas manifestações: interpretativas, transferências e de falta-a-ser. Todavia, neste mesmo texto as formas de interpretação propostas denotam certa insuficiência ao tratarmos a clínica do FPS^{14 15}. Lacan convida a questionar a *tradução* como sendo o precioso instrumento tático do analista, funcionando tanto como decifração da diacronia das repetições inconscientes quanto na introdução na sincronia dos *significantes*. Como a *tradução* que versa ao sentido, suspenso no FPS,¹⁶ pode ocorrer? *Glícia* não se captura pelo deciframento *significante* — abertura para o inconsciente, outrora, qual possibilidade haveria como direção do tratamento neste caso?

Por certo as categorias apresentadas por Allouch¹⁷ e discutidas anteriormente por Assadi e Dunker¹⁸ servirão como amplitudes para as condições interpretativas citadas no referido texto. São estas: *tradução*, quando a interpretação é regulada pelo sentido; *transcrição*, quando edificada no som; e finalmente *transliteração*, quando a interpretação é regulada pela letra.

Allouch, na introdução de *Letra a letra*, denunciara a tese: “*Toda*

¹¹ Vale lembrar que a palavra me causou um certo incômodo, o que me fez perguntar a duas colegas analistas sobre o seu significado: uma delas fez uma referência a Elmo como armadura e ao personagem da vila Sésamo, enquanto a segunda, que tem uma filha adolescente, me disse que era Emo, uma espécie de tribo que tinha como marca as roupas pretas, cabelos idênticos e que eram caracterizados pela tristeza. A partir dessa conversa fiquei mais atenta a esta palavra que veio a se tornar um nome do sujeito.

¹² GIANESI, A. *A materialidade significante e a causa real na direção do tratamento*. Trabalho apresentado na Jornada Interna do Fórum do Campo Lacaniano-SP. 2008, dezembro; São Paulo, Brasil.

¹³ Lacan, J. *A Direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958/1998, p. 593).

¹⁴ Utilizo proposadamente as siglas para fazer referência ao fenômeno psicossomático. É um manejo de escrita, visto que existem algumas hipóteses sobre o fenômeno que precisam ser desconstruídas, o recurso de preservar as letras F P S designa sua característica de letras juntas e de impossibilidade de leitura.

15 Sugiro a leitura de dois artigos em que trabalho a direção do tratamento em casos clínicos com aparição de fenômenos psicossomáticos. Assadi, T. C.; Pereira, M. E. C. (2003) *O eclipse da mulher na presença do fenômeno psicossomático*. Psychê, São Paulo, p. 81-96. & ASSADI, T. C. e outros. (2003). *O menino e o efeito pirilampo. Um estudo em Psicossomática*. Ágora, Rio de Janeiro, v. 6, p. 99-114.

16 É absolutamente salutar afirmar que o FPS é um fenômeno, e isto quer dizer que pode estar presente em qualquer uma das estruturas clínicas, a saber: neurose, psicose ou perversão.

17 Allouch, J. *Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar*. (1995).

18 Assadi, T. C. Dunker, C. I. L. *Alienação e separação nos processos interpretativos em psicanálise*. (2004, p. 85-100).

19 *Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar. op. cit.*, p. 12.

20 Nasio, J. D. *Psicossomática: as formações do objeto a*. (1993).

21 Lacan, J. *O lugar da psicanálise na medicina*. (1966/2001, p. 32).

22 Lacan, J. O seminário: livro 20 *Mais, ainda*. (1972-73/1985).

23 Lacan, J. O seminário: livro 23: *O sinthoma*. (1975-76/2007).

formação do inconsciente é um hieróglifo, no sentido inicial em que resiste à compreensão imediata, não é transparente e só se deixa ler mediante um trabalho de deciframento".¹⁹ Partindo desta ideia, retoma Lacan quando ele considera que esta leitura teria uma relação absolutamente particular entre significante e letra. Aliás, para muitos autores, dentre eles, Nasio,²⁰ o FPS não é considerado uma formação de compromisso do inconsciente; sua tese é que ele obedece às regras do *objeto a*, mantendo-se emparelhado à alucinação, e a passagem ao ato seria tomada como uma *formação do objeto a*. Mas, esta posição não é unânime entre os psicanalistas lacanianos que estudam os fenômenos da corporeidade.

Foi em 1975 que Lacan sugeriu o tema do psicossomático emparelhado à ideia de *signatura, de hieróglifo, de traço unário*. Sobre tudo, me debrucei sobre estas premissas para abordar o elemento tático neste caso clínico apresentado pela lesão de órgão, ou como pronunciado por Lacan em 1966,²¹ por uma questão *epistemo-somática*. Minhas indagações estavam postas: se existe um escrito no corpo, dado a não ler, qual a responsabilidade do analista diante desta clínica? A interpretação, como um deciframento, obedeceria a qual lógica no FPS?

A existência do hieróglifo pressupõe um deciframento para que o escrito tome o vulto de leitura. Pois bem, ler o escrito tem valor de deciframento. Isto quer dizer que decifrar o escrito seria abrir as trancas do inconsciente. Seria preciso decifrar a lesão de órgão de *Glicia* para desvelar o inconsciente? Como fazer isto, se justamente ela carece de associação, de sonhos, de chistes e de atos falhos? Até mesmo a anorexia não possui o estatuto de um sintoma analítico. Qual a possibilidade de trabalhar com esta menina que não adere ao seu tratamento de *Vitiligo* e não abre sua escuta para uma decifração?

Incitar um sentido ao seu fenômeno pouco ou nenhum efeito haveria de produzir. De algum modo, seguindo a pista de Lacan sobre o trabalho de decifração dos hieróglifos da pedra Roseta de Champolion, me aproximei de uma brecha de trabalho com esta clínica. O texto aparecia truncado na pedra, sua formação repetia-se em alguns outros lugares, o que denunciou sua característica de cartucho; assim sendo, ali somente poderia estar escrito um nome próprio. Muito bem, Champolion supôs que o nome fosse Ptolomeu, o que se confirmava pelo número de caracteres recorrentes tanto na escrita hieroglífica deste cartucho quanto na escrita grega: eram oito.

Lacan^{22 23} recomenda que decifrar implica pôr em jogo uma outra dimensão (*dit- mension*²⁴), um saber textual, que dá por si só sua certeza. Champolion, diante de dois cartuchos, num supostamente escrito Ptolomeu e no outro, o Obelisco de Philae contendo, também em suposição, o nome Cleópatra, utilizou como tática colocar o cartucho A, de Ptolomeu acima do cartucho B, de Cleópatra. A

leitura dos cartuchos obedeceu a dois princípios: o primeiro, que sua condição de leitura somente poderia ser efetuada da esquerda para a direita, enquanto o segundo ponto reverberaria sobre a condição da letra hieroglífica, obtendo um valor pelo lugar que ocuparia na ordenação do cartucho e, deveria, homofonicamente corresponder a alguma letra do alfabeto grego. Caso esta letra fosse encontrada com o mesmo valor em outro lugar ou no mesmo cartucho, inevitavelmente a decifração ocorreria. Tomemos o exemplo: tanto o cartucho A quanto o cartucho B possuem oito caracteres. Há repetições da letra hieroglífica em alguns lugares, assim a primeira letra do cartucho A foi representada por um retângulo, e a quinta letra do cartucho B, também. Por meio do princípio de substituição de uma escrita por outra, Champolion apostou que esta letra seria o equivalente ao P na escrita grega. E assim seguiu a decifração em relação aos demais caracteres. Esta operação pode ser nomeada de *transliteração*, aquilo “*que escreve o escrito é igualmente aquilo mesmo que o define. O transliteral é o próprio literal, sua essência efetiva*”.²⁵ Ou melhor, a transliteração é a forma de passagem de uma escrita para outra escrita. Não há tradução, sentido proposto, tampouco som, transcrição necessária. Somente foi possível o enigma da pedra de Roseta ser decifrado a partir da substituição de uma forma de escrita por outra, de uma letra por outra, da hieroglífica pela grega e por tratar-se de nomes próprios impressos em um cartucho.

Na proposta de Lacan, o FPS é assemelhado a esta escrita hieroglífica, como uma assinatura. A contento, manejar a interpretação pela via da *transliteração* talvez pudesse ser o indicativo de abertura do inconsciente diante desse fenômeno, um trabalho de Champolion.

Todavia, cabe aqui fazer mais algumas considerações sobre o uso da interpretação na clínica psicanalítica. Um primeiro ponto que deve ser salientado diz respeito aos conceitos que tangenciam a clínica da interpretação, essencialmente ao conceito de inconsciente que envolve a formação do analista. Portanto, discutir aspectos relevantes sobre esta clínica é aviltar os aspectos éticos na psicanálise, necessariamente.

Um segundo ponto versa sobre a condução da análise. Cabe ao analista assumir um lugar no discurso que seja sinalizado como *retórica, dialética* ou *axiomática*.²⁶ Inclusive ao lugar do analista cabe seu estilo, sua diagnóstica, a transferência e os princípios no cerne do tratamento. Traduzindo em outras palavras, pode-se dizer que o analista se manifesta pela tática, estratégica e política na clínica.

Tomemos exclusivamente a vertente da tática e nos debruçemos sobre os aspectos interpretativos. Abordar a interpretação pela via da lógica nos propõe interessantes articulações. Pode-se organizá-la em três subgrupos diretamente ligados à categoria aristotélica de impossível, a saber: *significação, sentido* e *sexuação*. Por meio desta pesquisa sobre os modos de intervenção na clínica analítica Dunker

²⁴ Lacan ao falar de Joyce, o *Símboma* comenta sobre uma diz-mensão, uma menção do dito. *Ibid*, p. 141.

²⁵ Letra a letra. *Op. cit.*, p. 145.

²⁶ Dunker, C. *Lacan e a clínica da interpretação*. (1996).

²⁶ *Ibid.*, p. 98.

²⁷ Lacan, J. *O aturdito* (1973/2003).

aposta na ideia de que a lógica da interpretação obedeceria a princípios diversos de acordo com seus pressupostos primeiros. Naquilo que a significação se embasaria, sua consequência seria "... *definida como efeito temporal do ato de fala*".²⁶ Uma interpretação que teria como objetivo a *significação* denotaria o aparecimento do sujeito como efeito da própria significação; certamente, desta maneira, apelaria para a noção de estrutura e sua proposta estaria fundamentada na homofonia, na equivocidade como evidenciado por Lacan em *O aturdito*.²⁷

Neste referido texto Lacan alerta para a evidência de que a intervenção possa estar sujeita a três contingências: *homofonia, gramática e lógica*. Tratemos de um exemplo clínico de uma destas formas de intervenção.

Ao falar dos *Elmo*, a adolescente diz dos cabelos, momento em que intervenho e digo:

— *Cabelos coloridos como os seus?*

Remonto aqui as repetições homofônicas que *Glicia* pronuncia frequentemente. No entanto, como consequência da intervenção, não houve assentimento nem sequer recusa, o que denotaria seu caráter interpretativo, mas a consequência foi um ensurdecimento a esta fala.

Retomando as hipóteses de Dunker. Uma outra possibilidade da lógica da interpretação seria a que diz respeito ao *sentido*, endereçando, portanto, para a noção de discurso na passagem da condição universal à existência. Estas formas *gramaticais* de interpretação se referem ao corte, à alusão e à citação. Uma outra mostração deste uso surge no momento em que *Glicia* traz o tema da identificação com o pai por meio do *Vitiligo*. Ela se refere às suas similaridades com o pai enfatizando:

— *Como meu pai* — intervenho:

— *Como?*

Este tom alusivo entre o dito e o equívoco produz inconsistência ao produto do ato da fala. Neste caso em especial, a menina apresentou-se pelo sintoma da anorexia, marcando o comer como ato revogado de seu cotidiano. A introdução da palavra *como* poderia oferecer abertura ao tema da anorexia, ao da similaridade e ainda, libidinizando-o, ao ato sexual. Nada foi associado por *Glicia*, não houve nenhum tipo de surpresa neste sujeito diante do dito.

Numa terceira tentativa, verificou-se que a intervenção da analista somente produziu efeito de interpretação ao versar sobre a lógica no que diz respeito à *sexualização*, no entrecruzamento entre estrutura e discurso. Este modelo seria bem traduzido pela vertente do enigma, que não se reduziria a uma pergunta, mas que seria a própria "?".²⁸ Minha hipótese é a de que esta "?" surgiu no que nomeei acima como *transliteração*, a rigor, pelo uso da letra enigmatizável

²⁸ Lacan e a clínica da interpretação. (1996, p. 116).

L a “?” se impôs. Interpretar na pel**Le** fez efeito pela supressão da letra, do **L**.

Tudo por um L- seja de letra ou de lixo

Na leitura deste caso clínico fica evidente que ao ocorrer a passagem da palavra **Elmo**, tomado por **Glícia** como um nome próprio,²⁹ cifrado, assinado, dado a não ler, para **Emo**, notoriamente com a supressão da letra **L**, funcionou, *a posteriori*, como causação do sujeito.

Embora baseada na homofonia, a *transliteração* tem como princípio a suposição de diferentes sistemas de escrita. Pela introdução da letra **L** produziu-se uma série, até então não escutada por **Glícia** — ela somente a escutou pela ausência da letra. Busquemos a série: **Elmo, Glícia, Grila, Dalton, Vitiligo** — a letra **L** em sua presença introduz som àqueles que eram somente imagens, borrões na tela do sujeito. **L** faz encadeamento entre os nomes tomados por **Glícia** como nomes do sujeito, convocando o seu estatuto. Em sua supressão o **L** convoca o sujeito, de **Elmo** para **Emo** há sua causa. À analista somente foi possível escutar a supressão do **L** pela sua escrita e seu tom de pronunciamento: **Elmo**.

Alguns psicanalistas, sobretudo baseados nas concepções feitas por Lacan³⁰ sobre o emparelhamento do fenômeno psicossomático à debilidade mental e à psicose, constroem a hipótese de que nesta formação fenomênica não aconteceria uma holófrase total, mas especialmente uma holófrase local, situada no par S1S2, impedindo o deslizamento na cadeia significante.³¹ Todavia, isto não atestaria a ausência do desejo, sua forclusão, o desejo estaria presente, contudo, suspenso. Os significantes, pelo mecanismo desta *holófrase local*, estariam congelados, gelificados, isto quer dizer, passíveis de remontagem à cadeia. Minha crença é a de que a Letra **L** funcionou como um conector que retorna à cadeia justamente pela sua supressão; assim os significantes podem obedecer às leis da linguagem: metáfora e metonímia. **L** conecta S1-S2, provocando o sujeito suspenso até outrora.

Em decorrência desta conclusão, pode-se precisar a causação deste sujeito, sendo que **Glícia** a partir deste ponto alterou significativamente sua relação com sua lesão- vitiligo.³²

A letra **L**, outrora não escutada, gelificada, cifrada, pela sua escrita, abre questões para a sexualidade: do gay a recusa sexual. Do desejo pelo corpo magro e esquelético, assexuado, para as primeiras formas femininas. As manchas brancas da cor do pai se fecharam e não seria mais preciso que o vitiligo fosse um nome do sujeito para fazer sua filiação e endereçamento ao Nome-do-Pai. O corpo como Outro ... “O Outro, no fim de tudo se não tiverem ainda adivinhado,

²⁹ O nome próprio foi apresentado por Miller em sua conferência “*Ce qui fait insigne*” como uma insígnia – insigne-um signe. Isto quer dizer que é aquilo que se distingue, um traço diferencial, e que permite que os elementos possam ser colocados em série. Para ele, o nome serviria às relações que se poderiam distinguir entre o significante e a letra. No primeiro caso o nome versando sobre o significante endereçaria ao efeito de sentido e no segundo caso, como letra, é o efeito do signo de gozo. Estas construções advêm do artigo de Caldas H. *A letra em Todos os Nomes* (2001, p. 36).

³⁰ Lacan, J. *O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (1964/ 1985).

³¹ Hipótese defendida especialmente por Nasio (1993).

³² Grafi vitiligo com letra minúscula e sem negrito para mostrar a mudança de seu estatuto. Antes, Vitiligo era um nome possível do sujeito; neste momento é o nome de uma afecção de pele tratável. Glícia se apresentou à psicanálise pelo Vitiligo, pelas manchas brancas, após a causação subjetiva ela pôde tomar seu nome próprio para se dizer.

³³ Lacan, J. *A lógica do fantasma*. (1966-67/ 2008, p. 361).

³⁴ Alusão a James Joyce. Publixo.

³⁵ Lacan, J. *Seminário da identificação*. (1961-62/ 2003).

³⁶ Pommier, G. *Naissance et renaissance de L'écriture*. (1993).

³⁷ Rego, C. M. *Traço, letra, escrita. Freud, Derrida, Lacan*. (2003).

³⁸ Lacan, J. *A instância da letra no inconsciente*. (1957/1998).

³⁹ *As identificações. Op. cit.*

o Outro, lá como está escrito, é o Corpo!”³³ pode gozar sem ser lesionado. Não é necessário um escrito no corpo, como no FPS, basta que este corpo seja escrito, ou melhor, inscrito e possibilite um gozo decifrado.

O *L* de letra e também de lixo³⁴ por si só nada diz, não pode ser lido. Em consequência, é pela sua ligação como outra letra que ele oferece um estatuto ao sujeito antes não apropriado. *Glicia* pode ser um nome próprio sem a iluminação que o Outro demandou.

A – letra

Foi justamente mergulhado nas questões relativas à Identificação³⁵ que Lacan propôs retomar sua tese sobre a linguagem que estrutura o inconsciente. Neste feito seu fio diretor foi dado pela origem da escrita. Pommier³⁶ faz uma leitura desta retomada de Lacan recortando a concepção de inconsciente no cerne de seu ensino. Contrariamente a esta posição, outros psicanalistas rebatem esta tese dizendo que a proposta da convocação da história da escrita no cerne deste seminário serviu, especialmente, para evidenciar um limite explicitado na psicanálise e não para demarcar suas teorias sobre a escrita. Todavia, o que não provoca dúvidas nem sequer contradições é o pressuposto de que neste contexto a comunicação de Lacan nos presenteia com um belo debate sobre as vertentes distintas do significante: letra ou escrita.

Seguindo esta pista, Rego³⁷ elenca quatro momentos em que Lacan explicita as noções de traço, letra e escrita durante seus seminários e escritos. Para a autora, coube ao primeiro tempo o axioma: *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*; ao segundo tempo a escrita tomou o tom de uma combinação significante e sua axiomática passou a ser lida em duas construções: *sendo que a fala não a cria* (a escrita), *sequer a lê*, a esta afirmação se contradiz uma outra: *a escrita é uma função latente na linguagem*.

O texto *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*³⁸ é o ponto principal de ancoragem da escritura lacaniana sobre uma teoria do significante e de seu funcionamento. É justamente a insistência significante que determina o sujeito. Diga-se de passagem, esta ação do verbo insistir é produzida pela letra que não faz parte do inconsciente, mas que efetua insistência *no* inconsciente.

Numa segunda teorização de Lacan sobre o tema dirijo o leitor ao Seminário da *Identificação*,³⁹ lugar em que uma imprescindível discussão sobre o nome próprio é evidenciada. Nestas concepções, o nome próprio é tomado como letra ou traço unário, já que os dois conceitos são equiparados. Nas lições 6 e 7, a afirmação é a de que o nome próprio é da ordem da escrita, porque endereça diretamente

te ao significante objeto e, simultaneamente, a função da escrita é função do signo na medida em que este é lido como objeto. Neste mesmo trabalho sua discussão faz borda à ideia da letra como essência do significante e, inversamente, é justamente esta letra que distinguirá significante e signo.

No que se depreende desses dois tempos traçados por Rego⁴⁰ como reveladores da teoria da escrita e da letra na obra de Lacan, algumas consequências podem ser obtidas. Diria que a principal é relativa à clínica da interpretação, afinal, com as axiomáticas fica evidente a mudança de direcionamento teórico e clínico do ensino de Lacan. As concepções relativas ao sentido, ao imaginário, migram para os conceitos de Real e de gozo. Neste giro, outras construções sobre o tema podem ser encontradas no âmago do texto lacaniano.

Acrescento aqui o texto *Carta Roubada*,⁴¹ que abre os Escritos de Lacan. Nele, embora confusões surjam em relação à distinção letra e significante, pode-se dizer que o significante *Lettre* remete à missiva e tende ao automatismo de repetição. Notoriamente surge uma pista a ser seguida na sua introdução a partir da metáfora *Caput mortuum*. Cabeça de mortos ou cabeça morta. É uma expressão utilizada, especialmente, pelos alquimistas com o intuito de traduzir aquilo que sobra de suas análises, o resto não líquido. Deste feito, é pertinente ler *Caput mortuum* como um bagaço, um resíduo que fica fora da cadeia, que é proibido de aparecer e que tende à frequente repetição, isto quer dizer que este resíduo pode ser considerado uma letra, como será trabalhada *a posteriori*.

Recuperando as ideias trazidas por Rego, em um tempo três, representado especialmente pelo seminário livro XVIII, *o escrito é consequência do discurso e a escrita é impossível tocar no Real do discurso*.⁴²

Mais uma consequência pode ser evidenciada. O conceito de letra, traçado por Lacan nos primórdios de sua *Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* ou mesmo em sua *Carta Roubada*, conduz ao que faz instância no inconsciente, ideia basculada pontualmente pelos seminários XVIII e XX com a aparição do tema do Um que não entra na cadeia significante. Uma dessas representações pode ser portada pelas fórmulas quânticas da sexuação, a saber, no que diz respeito às funções: *As funções só são determinadas a partir de um certo discurso. É no nível de funções determinadas por um certo discurso que posso estabelecer esta equivalência; o escrito é o gozo*.⁴³ Não é à toa que ele dedica posteriormente vários capítulos do seminário XX para dizer da função do escrito na carta de amor, ou melhor, a função da letra, diria, no inconsciente.⁴⁴

“... Se falávamos da função do escrito enquanto uso a que se destina, falar da função da letra nos evidencia outro uso para o significante função, aquele da topologia, isto é, da função enquanto rela-

⁴⁰ Traço, letra, escrita. Freud, Derrida, Lacan. Op. cit.

⁴¹ Lacan, J. *Carta roubada*. (1955/1998).

⁴² Traço, letra, escrita. Freud, Derrida, Lacan. Op. cit., p. 198.

⁴³ Lacan, J. O seminário: livro 18. *De um discurso que não fosse semblante*. (1971/2009, p. 120).

⁴⁴ Ramos, Conrado. Apresentação na Formação Continuada do Fórum do Campo Lacaniano-São Paulo, Capítulo III, do seminário 20, de Lacan, no 1o semestre de 2009. p. 5-6. São Paulo, Brasil.

ção entre conjuntos. A pista clara que Lacan nos dá para isso é a da comparação com a teoria dos conjuntos do grupo Bourbaki. Assim, a função do escrito em psicanálise nos remete a uma função que a letra assume neste momento, e que é o escrito da função: a função da letra é escrever a função, e não há nenhuma tautologia nisso. O emprego da letra pode ser o de nomear os conjuntos e subconjuntos (abertos ou fechados) e as relações axiomáticas entre eles. É nesse sentido que as letras levaram Lacan do grupo de Klein aos matemas dos discursos e, no seminário XX, às fórmulas da sexuação.”

Outro desvio do fio condutor do texto faz-se necessário para que as categorias lógicas de Aristóteles tomem seu lugar. Lacan acrescenta à lógica de Aristóteles mais uma categoria que no classicismo do filósofo grego não foi levada em conta e que para a psicanálise como uma nova *litura* da logicidade pode incluir o sujeito em seus pressupostos. A introdução é a categoria de *contingente*, lido como o que *para de não se escrever*. Ao seu lado temos mais três categorias, ou seja: o *impossível*: o que *não para de não se escrever*; o *necessário*: o que *não para de se escrever* e o *possível*: o que *para de se escrever*. Neste texto me deterei exclusivamente na categoria aristotélica de impossível.

O impossível é o que *não cessa de não se escrever*, como a intuição, o escrito, a mulher, o gozo e a letra. Contudo, dentre eles o escrito é uma tentativa de escrever o impossível, que existe a relação sexual. Seria o FPS uma tentativa de escrever aquilo que não se escreve?

Ainda no seminário XVIII, na seção nomeada de Litureterra,⁴⁵ a letra assume para Lacan três aspectos distintos: *litura* (rasura), *litoral* (borda) e *lixo* (como trabalhada em Joyce – vide seminário XXIII). Como rasura, diz respeito ao apagamento; como litoral, faz borda; e como lixo, endereça ao resto, ao objeto a, à lituraterre. A letra não se lê. A letra **L** de **Glícia** num primeiro tempo de sua aparição, isto é, ao pronunciar a palavra **Elmo** surge como apagamento do sujeito. O nome próprio havia sido substituído por diversos nomes comuns, recebendo o estatuto de próprios e a letra só apaga quem lhe fala, faz litura. Como litoral a letra bordeia, envolve, desvia o sujeito, diria que aí o vitiligo pode surgir. As marcas espalham-se pelo corpo e fazem borda entre a menina branca e a negra, entre a boa e a má, entre a gorda e a magra. Mas, **L** pela transliteração, em seu estatuto de lixo, de resto surge pela sua supressão, então, se aproxima do **objeto a**. Pode-se ler que é pelo *objeto a* que a letra se encarna em vitiligo – letra **L** em Vitiligo.

Como quarto e último tempo para a noção de escrita, Claudia de Moraes Rego constrói a hipótese de que ao longo do ensino de Lacan a escrita só se fez demonstrar enquanto impossível. Em princípio, sua retórica estava baseada na ideia de traço unário e em sua possibilidade de dizer, e posteriormente esta premissa foi substitu-

⁴⁵ Lacan, J. *Litureterra* in *O seminário: livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. (1971/2009).

ída pelo tema do traço uniano que objetiva funcionar como marca da não-relação sexual, do Um do Real. Sendo mais pontual, posso dizer que ao se referir a traço unário, Lacan está no campo das identificações, dos traços emprestados pelo outro, que buscam proporcionar o recobrimento da falta a ser e que ocupariam a função de signo, enquanto que ao introduzir a expressão *il y a d'l'un*, ele abre o campo da não-relação que enfatiza o Um do Real, impossível de dizer e sempre encoberto pela fala. Por meio destes pressupostos a letra surge como efeito de discurso.⁴⁶

A letra **L** é efeito do discurso de **Glicia** e o conector que transforma o FPS em fenômeno psicossomático, neste tempo, passível de leitura.

Momento de concluir: Eu sou!

Neste texto pretendeu-se discutir a tática do analista em um caso de FPS, e o objetivo maior foi a demonstração clínica, lugar em que as intervenções foram fadadas ao fracasso. O modelo de interpretação proposto por Allouch, a transliteração, funcionou como um favorecedor na causação subjetiva da candidata à análise.

Para tanto, foi preciso uma pequena discussão sobre algumas determinações relativas à clínica da interpretação, em especial, em sua vertente lógica e, tão fundamental quanto, uma apresentação sobre o tema da letra proposto por Jacques Lacan.

A letra, neste caso clínico, foi a fonte interpretativa, e é de prioridade citar que só pôde ser escutada pela analista pela sua supressão e pela ênfase na palavra, marcando sua escrita. **L** como lixo, como resto, como *objeto a* trans-lite(o)ralmente convocou o sujeito eclipsado no fenômeno. O nome próprio **Vitiligo**, **Grila**, **Elmo** perdeu seu estatuto gelificado e conduziu a apropriação do nome próprio, filial: **Glicia**. Este nome como letra, como marca de distinção, opera como ressonância, lugar em que seu traço do fonema já é uma escrita.⁴⁷

Laurent,⁴⁸ lendo *Lituraterra* e atribuindo à letra o lugar de litoral, comenta:

“Quando o sujeito não pode ser representado no Outro, quando o Outro não é mais o lugar onde ele se aliena, se inscreve, mas torna-se o deserto de acoisa, então o sujeito se agarra ao seu ponto de amarração, o objeto a e a letra, diz Lacan, torna-se litoral.”

Glicia, alienada ao seu fenômeno, ao **Vitiligo** como *aliteração*⁴⁹ no seu corpo, repete sua alienação ao Outro. Separada de seu fenômeno, respondendo em nome próprio^{50 51} faz da letra, litoral.

A pele, fonte escópica e manchada, toma o lugar de resto, de re-

⁴⁶ *Mais, ainda. Op. cit.* (1972-73).

⁴⁷ *Seminário da identificação. Op. cit.*

⁴⁸ Laurent, E. *La lettre volée et le vol sur la lettre.* 1999.

⁴⁹ Repetição das mesmas letras, sílabas ou sons numa mesma frase.

⁵⁰ Agradeço a Silmia Sobreiro a intervenção durante a apresentação de parte deste texto na Jornada interna do Fórum do Campo Lacanaiano, dez de 2008, lugar em que fez algumas considerações sobre o nome-próprio e o traço. Comentou que quando já existe a função do traço unário, só é possível dizer que alguém tem um nome, na medida em que percebe a relação entre emissão nomeante e algo que é da ordem da letra.

⁵¹ No seminário 23, na aula IV de 20 de janeiro de 1976, Lacan diz: “É a fonação que transmite a função própria do nome...”. (1976, p. 74).

síduo, de *objeto a* e pode ser nomeada de *pele do sujeito*. A (barrado) pele não existe,⁵² só há a-pele que duplicando a letra **L** homofonicamente remete ao verbo *appeler*, forma com que no idioma francês alguém se apresenta: *je m'appelle*.

a-peleLe: objeto a, pele como maior órgão do corpo humano, L da letra aliterada no corpo e *appelle*, eu me chamo. Eis a construção clínica deste caso.

Referências bibliográficas

- ALLOUCH, J. *Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.
- ASSADI, T. C. DUNKER (2004), C. I. L. *Alienação e separação nos processos interpretativos em psicanálise*. Revista Psychê, São Paulo, ano VIII, n. 13, jan-jun/2004, p. 85-100. 2004.
- ASSADI, T. C.; PEREIRA, M. E. C. *O eclipse da mulher na presença do fenômeno psicossomático*. Revista Psychê, São Paulo, p. 81-96. 2003.
- ASSADI, T. C. e outros. (2003). *O menino e o efeito pirilampo. Um estudo em Psicossomática*. Ágora, Rio de Janeiro, v. 6, p. 99-114. 2003.
- CALDAS, H. *A letra em Todos os nomes*. In Opção lacaniana n. 32. São Paulo. 2001.
- DUNKER, C. *Lacan e a clínica da interpretação*. São Paulo: Hacker editores: Cespuc.1996.
- GIANESI, A. *A materialidade significativa e a causa real na direção do tratamento*. Trabalho apresentado na Jornada Interna do Fórum do Campo Lacaniano-SP. 2008, dezembro; São Paulo, Brasil.
- LACAN, J. O Seminário, livro 2: *O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. (1954-55). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 1985a.
- _____. *Carta roubada*. (1955) In Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. O Seminário: livro 3: *As psicoses*. (1955-56). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 1992.
- _____. *A instância da letra no inconsciente*. (1957). In Escritos: Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. *A Direção do tratamento e os princípios de seu poder*. (1958). In Escritos: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Seminário da identificação*. (1961-62). Publicação não comercial. Recife, 2003a.

- _____. *O Seminário: livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (1964). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 1985b.
- _____. *A lógica do fantasma*. (1966-67). Publicação não comercial. Recife, 2008.
- _____. *O lugar da psicanálise na medicina*. (1966/) In Opção Lacaniana, São Paulo, p. 32, 2001.
- _____. *O Seminário: livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. (1971). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- _____. *O Seminário: livro 20: Mais, ainda*. (1972-72). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985c.
- _____. *O aturdito* (1973). In Outros Escritos: Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003b.
- _____. *O Seminário: livro 23: O sintoma*. (1975-76). Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2007.
- _____. *Conferência em Genebra sobre o Sintoma* (1975). In Opção Lacaniana. São Paulo, número 23, dezembro de 1998.
- LAURENT, E. *La lettre volée et le vol sur la lettre*. Revue de la Cause Freudienne – Les paradigmes de la Jouissance, Paris, Seuil, 1999.
- NASIO, J. D. *Psicossomática: as formações do objeto a*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 1993.
- POMMIER, G. *Naissance et renaissance de L'écriture*. Paris: PUF, 1993.
- RAMIREZ, H.; ASSADI, T. C. & DUNKER, C. *A pele como litoral: um estudo em psicanálise e medicina*. Editora Anna Blume, São Paulo, no prelo.
- RAMOS, Conrado. Apresentação na Formação Continuada do Fórum do Campo Lacaniano-São Paulo, Capítulo III, do seminário 20, de Lacan, no 1º semestre de 2009. p. 5-6. São Paulo, Brasil.
- REGO, C. M. *Traço, letra, escrita. Freud, Derrida, Lacan*. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 198, 2006.
- WARTEL e outros. *Psicossomática e psicanálise*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 2003.

Resumo

Glícia inicia tratamento para o vitiligo sem qualquer tipo de adesão ao trabalho medicamentoso. Ela procurou análise em função das recomendações médicas e da exigência da sua mãe; naquele momento algumas questões relativas ao corpo surgiram para além da lesão de pele. Todas as interpretações foram refratárias à escuta da adolescente, o que convocou a analista ao questionamento do manejo clínico. O objetivo deste artigo é mostrar como a forma interpretativa da transliteração provocou a aparição do sujeito dividido e ainda, qual a função de uma letra não escutada durante as entrevistas preliminares poder ser a marca da entrada em análise e da leitura como tática clínica neste caso de fenômeno psicossomático.

Palavras chave

Fenômeno psicossomático, transliteração, interpretação, letra, psicanálise.

Abstract

Glícia began treatment for vitiligo without any adherence to medical work. She sought analysis according to medical recommendations and the demands of her mother, at that time questions have arisen concerning the body beyond the skin lesion. All interpretations were refractory to teenager's listening, who called the analyst to make questions of the clinical management. The aim of this paper is to show how the interpretative form of transliteration caused the split subject, and also, what is the function of one letter that not been heard during the preliminary interviews may be the mark of entry into analysis and show the reading as a tatic clinical in this case of the psychosomatic phenomenon.

Keywords

Psychosomatic phenomenon, transliteration, interpretation, letter, psychoanalysis.

Recebido

26/11/2010

Aprovado

20/12/2010

